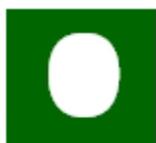


Psicologia

Bullying – o retrato da violência

Ana Luiza dos Santos Julio¹



que a escola tradicional não nos ensina? Ela não ensina que não existe saber mais e saber menos e que o quê existe são, em verdade, diferentes saberes. Por que ela nos oculta isto? Possivelmente por ser uma forma de poder: aquele que obtém “o” saber obtém, igualmente “o” poder sobre os demais. E tem sido assim que escola, ao longo dos tempos, reproduz o social, hierarquicamente organizado, seja através dos currículos explícitos em que os(as) estudantes aprendem os instrumentos para trabalhar na sociedade, seja nos currículos ocultos, em que são aprendidas todas as relações de dominação e de violência que vem caracterizando o tipo de sociedade em que vivemos na contemporaneidade. Claro que, se refiro a reprodução do social, estou enfocando determinados pressupostos educativos, com base em uma ideologia, no caso, neo-liberal. Assim, o que se tem feito na escola é refletir o que é a sociedade, reproduzindo os valores dessa sociedade, que prima, ideologicamente pelo individualismo e pela exclusão dos diferentes.

E essa sociedade, que a escola reflete, tem sido, sem sombra de dúvidas, extremamente violenta. É a sociedade do abismo (Martins, 2002)², em que os grupos se esforçam para não serem os próximos a cair no abismo. E escapar desse suposto abismo não tem sido nada fácil, uma vez que vivemos na lógica neoliberal, que prima justamente pelo individualismo, alimentado pela competição, que, como resultado, tem a dualidade de vencidos e vencedores, ou, de perdedores e ganhadores. Ora, para romper com essa lógica capitalista, é preciso uma mudança conceitual, que abrigue a idéia do coletivo, do “para todos”. Mais do que conceitual, precisamos de uma mudança existencial.

Mas, será possível termos vencedores e vencedores? Será possível pensarmos a existência de uma sociedade em que todos ganhem, ao invés da lógica excludente, na qual, para que uns poucos ganhem, muitos precisam

¹ Ana Luiza Julio é psicóloga e psicoterapeuta e pesquisadora das questões interraciais

² Jose de Souza Martins, A Sociedade vista do abismo. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Editora Vozes: Petrópolis, 2002.

perder? É que, para tal, se faz necessário outro modelo de escola, que estará embasada em outros modelos de relações sociais e no qual o processo educacional não se dê na simples reprodução, baseada na imitação do modelo hegemônico.

É importante atentar para o fato de que, dentro dessa lógica neoliberal em que vivemos, são suportadas todas as possibilidades de exclusão, e pouquíssimas serão as inclusões. Serão excluídos, sempre, aqueles que não se adequem aos valores hegemônicos, aos padrões que previamente estabelecem todos os valores sejam esses de beleza (em geral considerando-se apenas a aparência física); de inteligência (quantitativa, isto é, atualmente é dito inteligente aquele que tem mais acesso à informação); muitas vezes a questão étnica (sendo em geral valorados os padrões eurocêntricos em detrimento de outras etnias); a questão de gênero (em que os homens aparecem sempre no lugar de destaque e de maior valor) e, sem dúvidas, a questão da classe social, através da qual, muitas vezes, está associado o padrão de consumo como indicador de valor pessoal. Quanto maior o poder aquisitivo, maior valor atribuído à pessoa. Assim é que, no dia a dia, vemos pessoas com alto poder aquisitivo, ou seja, pessoas que têm maior possibilidade de consumo, serem tratadas socialmente com distinção. Algumas chegam a ser tratadas pelo título de “doutor (a)” independente da escolaridade, ou “senhor(a)”, enquanto que aquelas que não têm esse poder aquisitivo, são tratadas sem nenhuma distinção. Tal fato, corriqueiro no Brasil, vai caracterizando as diferenciações que vão sendo construídas nas relações sociais a partir do conceito de posse. Quem tem assemelha-se a quem pode, isto é, tem “poder”. E isso demarca uma ideologia muito bem definida pelas teorias educacionais reprodutivas. Para romper com essa ideologia se faz necessário outro modelo de educação, outra proposta do que fazer na escola e, em consequência, no social.

Essas outras possibilidades que pensam outro tipo de ser humano e outro tipo de sociedade estão embasadas em uma ideologia, que não pressupõe a competição e a individualidade como objetivo a ser alcançado.

Bem, e o que isso tudo tem a ver com *bullying*? Disse, anteriormente, que a escola tem a propriedade de refletir o social. Isto quer dizer que, o que se percebe na sociedade geral, será também reproduzido no ambiente escolar. Ou seja, se a sociedade como um todo tem sido violenta, nas mais variadas formas, essa violência também será vista na escola. E, em seu turno, vai fazer o que a sociedade tem feito com os diferentes, com os que não se enquadram; com os que não entram, por assim dizer, na competição, na disputa, na lógica do empurrar para o abismo o outro, para não ser o sujeito da vez do abismo. Agora, para além dessa violência generalizada, existe uma violência que tem sido perpetrada pelos (as) estudantes no ambiente escolar. A ela nomeia-se *bullying*, e a lógica é a mesma: excluir para não ser excluído.

Mas vamos ao *bullying* propriamente dito. *Bullying* é uma palavra inglesa que ainda não tem uma tradução literal para o português. Caracteriza uma série de comportamentos violentos no âmbito escolar, de forma recorrente e intencional, tendo como objetivo uma vítima, que será agredida (física ou

Tipos de *bullying*

Verbal: como insultar, ofender, chamar por apelidos ofensivos ou degradantes; fazer piadas; zoar.

Físico: chutar, empurrar, puxar cabelos, bater, agredir fisicamente, ferir fisicamente, beliscar, atirar objetos contra a vítima.

Psicológico: humilhar, ignorar, invisibilizar, excluir, irritar, ridicularizar, menosprezar, discriminar, difamar, ameaçar.

E o mais novo tipo:

Cyberbullying: através do qual são utilizados os programas de relacionamento virtual para desmoralizar e exercer qualquer outro tipo de domínio, poder e maus-tratos com o outro.

psiquicamente), de forma contínua, e de maneira em que a vítima torna-se incapacitada para reagir e sair da situação em que foi colocada pelos agressores. A vítima é humilhada e maltratada de tal forma, que passa a apresentar um quadro de dor e sofrimento tão intensos, que a incapacita, ao ponto de, muitas vezes, ter que trocar de escola como única possibilidade de escapar da tortura pela qual passa.

O que se percebe no ambiente escolar é a existência de alguns estudantes sendo colocados no lugar de fortes, corajosos ou valentões (*bully*). Esse tipo de estudante caracteriza o agressor propriamente dito, ou o que domina os demais, agindo violentamente contra os mais fracos ou fragilizados, que têm sido as vítimas, os objetivos de ataques. Esse ato violento que vem caracterizando as ocorrências, diárias nas escolas, demonstra a relação hierárquica, através da qual esse estudante *bully*, impõe sua força física e de coação, impingindo ao outro que fique no lugar desvalorizado, de inutilidade, de falta de beleza e, enfim, no pior lugar possível. Ao impor ao outro o lugar de inferioridade, o *bully* impõe, automaticamente, para si, ainda que possa ser de forma inconsciente, o lugar de poder, de corajoso, enfim, do pólo positivo na dualidade entre vencedores e vencidos. Mas essa é uma relação que se repete. Muitas vezes o jovem que se encontra no lugar de *bully*, foi, um dia, vítima dessa relação de subjugo. Caracterizam-se aqui

jovens tímidos que, após terem sido muito massacrados, elaboram planos para poder vingar-se de uma só vez, de todos aqueles que o torturaram durante muitos anos. Esse quadro caracteriza o que temos visto em escolas americanas e inglesas, em que os jovens armam-se de equipamentos bélicos poderosos e, tal qual um matador em série (*serial killer*) eliminam de uma só vez, todas aquelas pessoas que o fizeram sentir-se mal. Aqui no Brasil não se tem conhecimento desse tipo de ação juvenil, mesmo porque é mais difícil de serem adquiridos tal material bélico, posto que o poder aquisitivo do brasileiro em geral, é menor do que a do americano médio. Portanto o que se vê no Brasil é que as consequências do ato de *bullying* são outras. Há vários casos de depressão profunda e aumento de casos de suicídio na população jovem vitimada pelo *bullying* e que, para escapar de tamanho sofrimento psíquico,

recorre a esse ato máximo. Além da depressão há ocorrências de fobia escolar, em que os jovens evadem da escola por não suportarem tal sofrimento e considerarem que isso se repetirá em todos os ambientes escolares. Também há ocorrências de fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno do pânico, anorexia, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno de estresse pós-traumático, além de quadros psicossomáticos. Tais manifestações ocorrem de acordo com a predisposição emocional de cada um. Contudo, o fator emergente para esses jovens vítima de *bullying*, e que tem sido a saída possível, é o adoecer psíquico, quando não, a fuga pela morte.

Ainda que no *bullying* se perceba claramente a existência de uma relação de dominação de uns sobre os outros, não são apenas os vitimados que perdem. Esses, sem dúvida alguma, têm um sofrimento intenso e destrutivo das condições internas de auto-estima e auto valorização. Contudo, há que considerarmos que todos perdem com o *bullying*. O agressor, que busca manter-se em destaque, maltratando aos outros, também é um sofredor, ainda que raramente seja visto sob essa ótica. Aqueles que assistem aos atos de agressão e que nada fazem, sofrem ao sentirem-se impotentes diante do domínio e massacre dos *bullies*. As vítimas, os que mais claramente sofrem a

Bullying é só na escola?

Não. No entanto, as primeiras e mais intensas experiências de bullying ocorrem no ambiente escolar supostamente entre iguais. Em outros ambientes têm-se nomeado as violências com outros termos. Os ambientes de trabalho, em geral, caracterizam o assédio moral, ou, dependendo das circunstâncias, discriminações (raciais, étnicas, homofóbicas, de gênero, etc.), e as do ambiente doméstico, violência doméstica. Há autores, entretanto, que nomeiam bullying, também à violência ocorrida nos ambientes de trabalho, entre colegas. O bullying tem atravessado os portões escolares e invadido também os ambientes de trabalho. Isso mostra a expansão e a dimensão da violência, caracterizando mais um tipo de violência nas relações sociais, nos dias atuais.

violência, sofrem de muitas maneiras. Ao serem vitimados, sofrem; ao ficarem impotentes diante da própria vitimização, sofrem. Mais tarde sofrem por terem adquirido um transtorno psíquico ou ainda, não raro, sofrem ao transformarem-se em novos algozes, novos *bullies*.

Há saídas?

Afirmar que não existem saídas seria um ato demasiado derrotista. Existe sim, mas elas não são simples. Primeiro, porque é necessária uma mudança de postura diante da vida, que implica em valores básicos que orientem os estilos de vida. Citei antes o fato de nossas relações sócio-econômicas serem neoliberais. Isto significa que o conceito de mercadoria tem estado presente em todas as instâncias sociais. Pensa-se sempre no mercado, nos custos e nos lucros, sendo essa a mola mestra dos relacionamentos neoliberais. Nessa lógica, o bully tem sido o vencedor, o que tem tido sempre maiores lucros. Nessa mesma lógica, os vitimados caracterizam os perdedores, e, por isso têm sido os que se retiram, primeiro da escola, depois dos envolvimento sociais, até retirar-se, definitivamente, da vida. Os que apenas assistem às torturas e vitimizações são os omissos, os que permanecem em um campo neutro, por assim dizer. Não tomam posição, e, na lógica, não perdem, mas também nada ganham.

Enquanto o mercado for a única regra, haverá perdedores e ganhadores. É preciso um cuidado maior com a vida. É preciso pensar outras diretrizes para a educação, e mais do que diretrizes, são necessárias uma filosofia, uma epistemologia que dêem conta das necessidades humanas, e não das regras no mercado. Precisamos pensar uma ontologia que nos abrigue e que pontue o valor de relações verdadeiras entre as pessoas. Se, como educadores, pudermos construir relações dialógicas³ e valorizarmos os saberes dos(as) estudantes, suas percepções, suas visões de mundo e de sociedade, é possível que a escola deixe de ser um lugar entediante, passando a ser um lugar de troca, e, em assim sendo, transformar-se num lugar interessante. Na possibilidade de valorizarmos as experiências dos (as) estudantes, no entendimento de que não há saberes melhores ou piores que outros saberes, é possível construir-se a inclusão daqueles que a quiserem.

Nossas relações, passando a ser humanas, fecham a possibilidade de nos tornarmos mercadorias e, em assim sendo, a competição, o lucro e outras funções do mercado, perdem valor. As relações hierárquicas não têm razão de ser e, portanto, criam-se os espaços para que a verdadeira igualdade se estabeleça entre os sujeitos. A escola precisa ensinar e trabalhar na perspectiva da tolerância e da empatia, para que, verdadeiramente, possam ser compreendidos o valor e a importância que o outro também tem. Se tivermos liberdade, se estabelecermos igualdade, estaremos, com certeza, em fraternidade. Nessas condições, qual a razão da violência?

³ Dialógica – de acordo com Paulo Freire a relação pedagógica baseada na troca de experiências entre os saberes do professor e do aluno, baseado no diálogo.

Como este tema é relativamente novo, pelo menos no que se refere a necessidade de conhecermos para poder lidar com ele, sugere-se algumas referências que contribuem para nosso entendimento.

No cinema sugere-se os seguintes filmes:

- *Elefante*

Título original: (Elephant)

Lançamento: 2003 (EUA)

Direção: Gus Van Sant

Atores: Alex Frost, Eric Deulen, John Robinson, Elías McConnell, Jordan Taylor

Duração: 81 min

Gênero: Drama

- *Tiros em Columbine*

Título original: (Bowling for Columbine)

Lançamento: 2002 (EUA)

Direção: Michael Moore

Atores: Michael Moore, Denise Ames, Charlton Heston, Marilyn Manson, Matt Stone

Duração: 120 min

Gênero: Documentário

- *Evil, raízes do mal*

Lançamento: 2003

Direção: Mikael Håfström

Duração: 113 min.

Gênero: Drama

- *Código de Honra*

Título original: School Ties

Lançamento: 1992

Gênero: Drama

Duração: 106 min.

- *Meninas Malvadas*

Título original: Mean Girls

Lançamento: 2004

Gênero: Comédia

Duração: 97 min.



Há ainda alguns sites para quem quer se aproximar um pouco mais desse tema:



www.bullying.com.br

www.observatoriodainfancia.com.br

Na literatura indico dois livros bons e de fácil leitura:

- 1) Guareschi, Pedrinho (coord) BULLYING mais sério do que se imagina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008
- 2) Silva, Ana Beatriz B. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro, Objetiva: 2010.

